



EDITORIAL

O plano certo no 'timing' errado

As empresas vivem tempos frágeis. A crise abala as suas estruturas e os seus negócios, os seus balanços ressentem-se da falta de actividade e as suas fraquezas aparecem cada vez mais expostas no mercado. Warren Buffett tem a frase perfeita para estes tempos de imperfeições: "Quando a maré desce, é que se vê quem andava a nadar nu". E, quando a crise baixou o nível de cobertura das empresas, é que se viu de facto quem estava protegido e a quem faltava a roupa. E foram muitas.

Este não é, por isso, o melhor momento para avançar no terreno com a proposta que as Finanças e a CMVM desenharam para terminar com as blindagens e com as protecções anti-OPA. Não são as propostas que estão em causa, mas sim o 'timing' escolhido para as aplicar. A ideia é até desejável e bem-vinda num mercado onde se pretende que o capital e os investidores circulem sem barreiras. Mas, com as empresas nacionais enfraquecidas, desvalorizadas e a preços de saldo, uma medida como esta é um convite de porta aberta para que grandes grupos internacionais com a carteira mais folgada ganhem facilmente o controlo de grandes companhias - e sectores de actividade - em Portugal.

Uma forma de evitar esta luta desigual entre empresas portuguesas fragilizadas e grandes investidores estrangeiros aboados de capital passa, por tudo isso, por adiar a medida. Dar tempo às empresas e investidores nacionais para que recuperem, se capitalizem. Só assim podem garantir os argumentos para, já no terreno, disputarem de igual para igual o controlo dos negócios com quem goza agora de larga vantagem no jogo. ■